

A REVOLTA DO VINTÉM

NEUSA FERNANDES*

Resumo

A Revolta do Vintém foi um movimento popular ocorrido no Rio de Janeiro, no início do ano de 1880, que marcou um novo estilo político na cidade. Pela primeira vez, assistiu-se a um confronto armado entre os manifestantes e autoridades policiais. O aumento de 20 réis, isto é, um vintém- novo imposto criado para o transporte urbano - foi o motivo desencadeante da violenta revolta, que reuniu conflitos distintos e expôs as tensões populares. Passeatas, comícios, reuniões públicas fizeram parte do movimento. Parlamentares, advogados, líderes do motim e a imprensa militante protagonizaram a Revolta do Vintém que significou uma transformação da cultura política da cidade e firmou o exercício da cidadania no Rio de Janeiro.

Durante muitos anos, uma posição histórica conservadora sustentou a tese da “irracionalidade da multidão”. A partir do século XX, a imagem de desordeiros, baderneiros, rebeldes e/ou amotinados foi recuperada pelos cientistas sociais, através da análise da composição social das massas. Esses pesquisadores negaram o conceito de multidão como um segmento incontrolável, que praticava uma violência irracional.

Estudos recentes a respeito da presença da violência nos distúrbios urbanos revelam as tradições morais e éticas que explicam e até legitimam essa violência.

Georges Rudé em especial trabalho sobre a multidão, afirma que “o crime e o motim, longe de serem companheiros inseparáveis, são apenas companheiros ocasionais”¹, em determinado momento histórico.

Recentemente, Thompson, analisando o comportamento e as atitudes populares, relevou as causas, o significado e os métodos que acabam por legitimar a violência coletiva.²

A motivação maior desses movimentos transparece as normas e obrigações sociais das funções, características dos diferentes segmentos da sociedade:

Embora compreensíveis as conclusões dos atuais e consagrados filósofos da História, não se pode, eticamente, justificar a violência, nem considerá-la isoladamente nos movimentos populares ocorridos no Rio de Janeiro, em qualquer de suas fases históricas.

Entretanto, há semelhanças de comportamentos nos movimentos de multidão, sobretudo quando coloca em questão a cobrança de impostos, afetando, ao que Thompson chamou, a “economia moral” dos pobres.

* Prof. Pós-doutora UERJ. Vice-presidente do IHGRJ.

1 RUDÉ, George. *A Multidão na História*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

2 THOMPSON, E.P. *La Economía Moral de la Multitud en la Inglaterra del siglo XVIII*. In: Tradición, Revuelta y consciencia de clase. Barcelona: Crítica, 1984.

Um bom exemplo, na cidade do Rio de Janeiro, é o Motim do Vintém. Pouco abordada nos livros didáticos, a Revolta do Vintém ocorreu no Rio de Janeiro, no ano de 1880. No século XVII, a história registra distúrbios

ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, mas que não trouxeram nenhuma alteração nas relações com o poder.

O Motim do Vintém ficou registrado pelas passeatas, comícios, reuniões públicas. Ocorreram relações entre parlamentares, líderes da revolta e a imprensa militante o que significou uma transformação da cultura política da cidade, firmando o exercício da cidadania no Rio de Janeiro.

Desde 1808, quando a família real portuguesa transferiu-se para o Brasil, a cidade do Rio de Janeiro passou a ser o centro político da colônia. Pelo porto do Rio de Janeiro, por onde tinha passado uma riqueza o ouro- agora passava outra riqueza - o café - em direção aos mercados europeu e norte- americano. A vida política, durante várias décadas, nesta cidade, orientava-se com apadrinhamentos e favores políticos por conta das vantagens eleitorais. “Uma elite coesa dominava politicamente uma sociedade geograficamente dispersa.”³ O grande público era apenas espectador, sem participação ativa na vida política da cidade.

Nos meados do século, a população duplicou e depois, entre 1870 e 1890, com o crescimento populacional da ordem de 80 mil habitantes, devido ao influxo imigratório. A cidade começou a sentir os seus próprios problemas: surtos tuberculose, varíola e febre amarela decorreram do aumento do número de estalagens e cortiços e da contingente falta de higiene. A saúde pública estava ameaçada.

A vida econômica também era precária. O historiador Mircéa Buescu registrou que a deteriorização havia começado no primeiro trimestre de 1879. Ao declínio econômico do café, causado pela queda do valor da saca de café de 3,50 para 2,34 libras, e a má administração da produção, somou-se ao desgaste natural da terra.⁴

Em 1878, o partido liberal que estava no ostracismo há nove anos, subiu ao poder. Esquentaram os confrontos políticos. O debate na legislatura sobre orçamento e a oposição ao projeto da lei eleitoral, que o próprio gabinete liberal apresentara, reduziam o poder monárquico, mas não estendia o sufrágio a um número maior da população. Várias propostas de aumento de impostos foram encaminhadas ao legislativo. Tributos deveriam incidir sobre

3 GRAHAM, Sandra Lauderdale. *O Motim do Vintém e a Cultura Política do Rio de Janeiro 1880*. In: Revista Brasileira de História. Vol. 10. N. 20. Mar./Ago. 91. São Paulo: USP, 1980.

4 BUESCU, Mircéa. *Centenário do Motim do Vintém*. In: Revista do IHGB, Rio de Janeiro, 1980, p. 118.

fumo, transporte ferroviário de volumes, imóveis desocupados, passagens de trens e outros serviços. A lei orçamentária votada em 31 de outubro de 1879 e anunciada em 13 de dezembro, mais uma que o Ministério Ouro Preto criava para fazer frente ao déficit orçamentário, incluiu o aumento de um vintém, para o transporte urbano.

O transporte mais comum era o bonde, cujo serviço fora inaugurado no dia 09 de outubro de 1868, com grande festa no Rio de Janeiro, com a presença do imperador D. Pedro II. O primeiro carro partira da Rua Gonçalves Dias, com destino ao Largo do Machado, ponto final da linha.

O novo transporte tinha a ver com a venda de títulos de um empréstimo contraído pelo Ministério da Fazenda. O preço da passagem do bonde puxado a burro, fixado em 200 réis, era representado por “bonds”, bilhetes do citado empréstimo. Daí, ter o povo carioca apelidado o novo veículo de bonde.

O vintém era de cobre e correspondia a 20 réis. Era a menor moeda do império. Com este valor se comprava 139 gr. de açúcar, 52 gr. e bacalháu, 29 gr. de banha, 125 gr. de batata, 45 de carne seca, 250 de farinha de mandioca, 13 de presunto, 9 de manteiga, 29 de toucinho⁵. Com dois vinténs comprava-se um jornal, chá e se engraxavam os sapatos.

Portanto, o imposto votado aumentava em 10% o preço da passagem do bonde que era 200 réis. Aumento pequeno para um transporte barato, na avaliação do deputado Martim Francisco, em 1879. Entretanto, há que se considerar que o tributo pesava, mais uma vez, sobre os habitantes urbanos que viviam um momento social difícil, num espaço geográfico deteriorado e doente.

O imposto do vintém que deveria entrar em vigor em 1º de janeiro do ano seguinte foi o motivo desencadeante para uma revolta marcada pela violência, que reuniu conflitos distintos, expôs as tensões populares e marcou profundamente a vida política carioca.

A agitação começou ao meio dia do dia 1º de janeiro de 1880. Os moradores do Rio se sentiram agredidos e, com este sentimento, se reuniram no Campo de São Cristóvão, quatro dias antes do imposto ser cobrado. Eram cerca de 5000 pessoas, lideradas pelo jornalista e parlamentar Lopes Trovão, grande tribuno e agitador. Em discurso proferido, Lopes Trovão levou a massa a entregar uma petição ao Imperador, na qual era reivindicada a revogação do imposto do vintém, considerado ultrajante. Rumaram todos para o Palácio de São Cristóvão, onde foram barrados por agentes policiais com cacetetes e cavalaria, comandados pelo chefe de polícia municipal Felix José da Costa e Silva. A multidão recuou.

5 BUESCU, Mircéa. *Centenário do Motim do Vintém*. In: Revista do IHGB, Rio de Janeiro, 1980, p. 118.

No mesmo dia, D. Pedro II enviou mensagem ao tribuno avisando que receberia uma delegação, mas Lopes Trovão recusou a solução do Imperador.

Diante daquele clima tenso, as Companhias de bondes recomendaram aos condutores que não fizessem questão do imposto.

O primeiro dia de janeiro amanheceu calmo. À tarde, as forças políticas militantes distribuíram panfletos, convocando o povo para um novo comício, no Largo do Paço, em frente ao Chafariz do Mestre Valentim. Milhares de pessoas compareceram. Lopes Trovão discursou, propondo o boicote ao pagamento da passagem. A massa popular encheu a Rua Primeiro de Março, entre o Beco dos Barbeiros e a Rua do Ouvidor e, espontaneamente, dividiu-se em dois grupos.

O primeiro seguiu pelo Mangue até a cidade velha. O outro grupo rumou para o Largo de São Francisco, passando pelas ruas do comércio sofisticado da cidade. Pelo caminho, os revoltosos arrancaram trilhos, agrediram empregados, viraram bondes, esfaquearam pessoas, atiraram fundos de garrafas nas forças repressoras e atacaram com facas, pau e pedras, a Companhia Vila Isabel da Estação Central. Tentaram invadir, na Rua do Ouvidor, um estabelecimento de comércio de armas - a Casa Lapport -, que conseguiu, cerrando suas portas, impedir a invasão dos revoltosos.

O auge do motim se deu na Rua Uruguaiana, onde a força policial se uniu ao Exército, e confrontaram-se povo e militares. Foi detonada a violência. A cavalaria do Exército, comandada pelo tenente coronel Antônio Enéas Gustavo Galvão, enfrentou a multidão no Largo de São Francisco. Cerca de 4000 pessoas foram surpreendidas com 600 soldados avançando para as barricadas populares, levantadas com os paralelepípedos das calçadas. Tiros foram disparados. Houve três mortes e vinte feridos. A cidade do Rio de Janeiro viveu doze horas de terror.

Não houve consenso para explicar a sequência dos atos violentos, nem na imprensa, nem na justiça. A única testemunha dos fatos, José da Costa Carvalho declarou que os revoltosos apenas se defenderam e levantaram barricadas para impedir o avanço da cavalaria, enquanto o comandante alegou que só mandou a cavalaria avançar para defendê-la dos disparos dos revoltosos.

A chuva acabou por esvaziar as ruas. Às 11 horas da noite estava tudo tranquilo. Três participantes ficaram estirados e mortos: o pernambucano Afonso Faria de Andrade, de 28 anos; Carlos Minetti, carioca de 20 anos e o polaco Bernardo Foslaban, 30 anos. Todos sepultados no Cemitério de São Francisco Xavier.

No dia seguinte, a imprensa reagiu e a Gazeta de Notícias publicou a acusação de Lopes Trovão: a polícia se pusera entre o povo e o Imperador.

Nos dias subseqüentes, o comércio manteve-se fechado e registraram-se distúrbios menores e isolados. Os principais periódicos da época - Gazeta de Notícias, Jornal do Comércio e O Cruzeiro - apelaram para o fim da violência. No mesmo dia 3 de janeiro, oito senadores se reuniram na casa do senador José Ignácio da Silva Mota, na Rua do Carmo. Saldanha Marinho e Joaquim Nabuco eram dois deles. Produziram um manifesto intitulado “Força militar fuzilou o povo desarmado,” acusando a polícia e os militares de terem impedido o povo de alcançar o palácio.

Foram muitas as consequências da Revolta do Vintém. Entretanto, por ordem de importância política, a reunião que ficou conhecida como a dos “Oito do Carmo”, foi a mais expressiva, porque transformou a cultura política da cidade, estabelecendo entre revoltosos e parlamentares uma relação de causa e efeito. Os senadores recuaram, votaram contra o projeto da lei eleitoral, e conseguiram que o sufrágio atingisse a uma parcela maior da população, estendendo-o aos não católicos e aos libertos. Recuaram outra vez em relação ao voto do orçamento, fortalecendo a oposição.

Constituída de advogados, médicos, funcionários e homens de negócio, nessa ocasião, a Comissão de Paz, lutou contra a violência, acusando a polícia por praticá-la contra o povo. Reuniu-se com os ministros, para reivindicar a suspensão do imposto. Os médicos do grupo gratuitamente trataram dos feridos. Os advogados defenderam os presos, que sequer tinham culpa formada, como José do Patrocínio, Lopes Trovão, Pedro da Costa, Ferro Cardoso e a musicista Chiquinha Gonzaga. A defesa alegou que os direitos políticos dos presos não tinham sido respeitados. Na justiça, os presos ganharam habeas-corpus.

A Revolta do Vintém uniu senadores, trabalhadores, homens ilustres, os pobres dos cortiços, imigrantes, escravos de ganho, estudantes, vereadores, jornalistas, advogados, médicos, ministros, deputados, músicos que publicamente demonstraram suas insatisfações, levando a política para as ruas, mobilizando os jornais, desafiando a polícia, o exército e o Imperador, inaugurando um novo estilo político no Rio de Janeiro. A passeata de protesto firmou-se como uma nova arma de luta.

Os acontecimentos expostos na Revolta do Vintém revelaram uma nova postura política: os abolicionistas adotaram uma nova orientação e a fundaram a Sociedade Brasileira contra a escravidão, sob a orientação de Joaquim Nabuco. Daí em diante, a política despertou o interesse de um público maior e diversificado.

Em carta à condessa de Barral, o imperador reconheceu que “durante quase 40 anos não foi preciso empregar a força como tal contra o povo”. Mas equivocou-se o monarca ao dizer que “as desordens não tiveram caráter político”⁶. Ao contrário, os acontecimentos retrataram uma experiência nova e uma disputa pelo controle político da cidade.

Assim começara o ano de 1880, historicamente tão importante para a vida carioca. Fazia dez anos que terminara a guerra do Paraguai e, em maio, havia falecido o duque de Caxias, comandante de um período decisivo da guerra.

O impacto da Revolta do Vintém esteve presente, durante muitos meses, na memória do povo. Até mesmo no Carnaval, quando eram fortes e concorridos os desfiles das Sociedades, cujos temas se apoiavam nas sátiras sociais e políticas. Os integrantes das Sociedades carnavalescas eram pessoas do povo, cidadãos, militantes abolicionistas e republicanos. Os chamados carros de crítica faziam o maior sucesso, marcando posições contra abusos e negligência das autoridades. No ano da Revolta, um carro alegórico ostentava a figura de Lopes Trovão, debruçado sobre o Chafariz do Mestre Valentim, segurando um guarda urbano pelo pescoço.

Infelizmente, desde o século XVII, já existiam muitas crianças nas ruas. Quando, em 1693, o governador Antônio Dias Paes de Sande fundou a Roda da Santa Casa, já era grande número o número de menores abandonados. No ano da revolta, esses excluídos eram abrigados pelo Recolhimento de Órfãos, situado entre a Santa Casa e a Igreja da Misericórdia.

O Rio de Janeiro passou a contar também “com o mais belo hospital do mundo,”⁷ na avaliação de Gastão Cruz. Referia-se ele à Santa Casa da Misericórdia que recebia milhares de mineradores faisqueiros, que adoeciam durante o árduo trabalho nas minas, coléricos, vítimas do impaludismo, beri-berí, contraído nas obras de construção da estrada de ferro.

A cidade foi seguindo seu processo histórico e ganhou uma nova aparência. Bairros se projetaram como Botafogo e São Cristóvão, com melhor sistema de água e o funcionamento do Reservatório do Pedregulho. Embelezou-se com a abertura do Campo da Aclamação, inaugurado solenemente, com a presença do imperador e do mundo social e político da época. O espaço abrigava obras de arte, plantas, cascatas, grutas, lagos, humanizando a fisionomia da cidade que foi presenteada com a abertura da Escola Normal, destinada a formar professoras de primeiro grau.

6 In: JÚNIOR, Magalhães. *Dom Pedro II à Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador*. Rio de Janeiro: ed do autor, 1956, p. 296.

7 CRULZ, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro. Notícia histórica e descritiva da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1949.

No final de 1880, o Jornal do Comércio fez um balanço, registrando “os sucessos do Vintém”. E o povo nas ruas comemorava o êxito da revolta, o tricentenário de Camões e a volta de Carlos Gomes, para quem Chiquinha Gonzaga, militante da Revolta do Vintém, compôs uma de suas mais belas canções: “Lua Branca”.

Fontes:

Jornal do Comércio -02 de janeiro de 1880
Jornal do Comércio -03 de janeiro de 1880
Jornal do Comércio -04 de janeiro de 1880
Jornal do Comércio -14/ 27 de dezembro de 1880
Revista Ilustrada- nº 189, 1880.
Revista Eu Sei Tudo -nº 27, 1880, p. 19/21.

Referências bibliográficas:

ABREU, Maurício de. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BUESCU, Mircéa. *Centenário do Motim do Vintém*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro: 1980, p. 113/120.

CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1959.

CHIAVENATTO, Júlio José. *As Lutas do Povo Brasileiro*. São Paulo: Moderna, 1993.

CRULZ, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro. Notícia Histórica e descritiva da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1949.

FERNANDES, Neusa. *A Revolta do Vintém*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IHGRJ, 2000.

GOHN, Maria da Glória. *História dos Movimentos Sociais- A Construção da Cidadania Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. *O Motim do Vintém e a Cultura Política do Rio de Janeiro 1880*. In: Revista Brasileira de História. Vol. 10. N. 20. Mar./Ago. 91. São Paulo: USP, 1980.

MAGALHÃES, Júnior. *Dom Pedro II através da correspondência íntima do imperador*. Rio de Janeiro: Magalhães Júnior, 1956.

RUDÉ, George. *A Multidão na História*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

_____ *A Ideologia e Protesto Popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

SILVA, Eduardo. *Dom Obá II d'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____ *La Economía Moral de la Multitud en la Inglaterra del siglo XVIII*. In: Tradicion, Revuelta y consciencia de clase. Barcelona: Crítica, 1984.